

10.30612/realização.v9i18.16556

Número de série: 2358-3401

Submetido em 28 de novembro de 2022

Aceito em 15 de Dezembro 2022

Publicado em 30 de dezembro de 2022

ROÇA ORGÂNICA NA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA “TENGATUI MARANGATU”: DESAFIO PARA APRENDIZAGEM PEDAGÓGICA

ORGANIC PLANTING AT THE INDIGENOUS MUNICIPAL SCHOOL “TENGATUI MARANGATU”: CHALLENGE FOR PEDAGOGICAL LEARNING

AGRICULTURA ORGÂNICA EN LA ESCUELA MUNICIPAL INDÍGENA “TENGATUI MARANGATU”: UN DESAFÍO PARA EL APRENDIZAJE PEDAGÓGICO

Cajetano Vera
Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”
Maristela Aqui Insfra
Escola Municipal Indígena “Lacui Roque Isnard”
Clotildes Martins Moraes
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Este artigo descreverá os resultados das ações obtidas no desenvolvimento do Projeto Horta Orgânica na Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu: Desafios para a Aprendizagem Pedagógica. Localizada na Aldeia Jaguapiru Dourados/MS. A Reserva Francisco Horta Barbosa é um cenário étnico/social complexo, habitado por povos das etnias Guarani Nhandeva, Kaiowá, Terena e mestiços. Possui uma população de 15.000 indígenas confinados em uma área de 3.600 hectares. Dado que há escassez de alimentos na comunidade, o projeto teve como objetivo realizar uma demonstração, na modalidade de consórcio/policultura de produção Agroecológica, onde a produção será utilizada na merenda

escolar, também produzirá um banco de sementes, resgatará práticas tradicionais de cultivo e contribuirá para o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. A Horta foi organizada dentro de um espaço de 12.000 m² de terra. Durante os meses de outubro e novembro de 2017, após o preparo do solo, os alunos iniciaram o plantio com sementes de variedade crioula, com 10.000 pés de variedades de hastes de mandioca, entre esses espaços foram plantadas variedades de milho: indígena e pipoca, feijão, arroz e batata. Durante o ciclo de plantio, foram realizados momentos de limpeza com os alunos e parceiros. Na semana dos Povos Indígenas, realizada em abril de 2018, ocorreu o festival da colheita das cultivares, foram colhidos milho, mandioca, arroz, batata e feijão. A mandioca e outros produtos colhidos contribuíram para a merenda escolar, parte foi doada para a comunidade e o restante embalado e armazenado no depósito da escola.

Palavras-chave: Conhecimento indígena; Consórcio; Etnosustentabilidade ; Agroecologia.

Abstract: This article will describe the results of the actions obtained in the development of the Organic Garden Project at the Tengatui Marangatu Indigenous Municipal School: Challenges for Pedagogical Learning. Located in the Jaguapiru Village Dourados/MS. The Francisco Horta Barbosa Reserve is a complex ethnic/social scenario, inhabited by people of the Guarani Nhandeva, Kaiowá, Terena ethnicities and mixed-race people. It has a population of 15,000 indigenous people confined to an area of 3,600 hectares. Given that there is a lack of food in the community, the project aimed to carry out a demonstration, in the modality of consortium/polyculture of Agroecological production, where the production will be used in school meals, also produce a seed bank, rescue traditional cultivation practices and contribute to the teaching-learning process of students. The Garden was organized within a space of 12,000 m² of land. During the months of October and November 2017, after preparing the soil, students began planting with creole variety seeds, with 10,000 feet of varieties of cassava stems, among these spaces were planted varieties of corn: indigenous and popcorn, beans, rice and potatoes. During the planting cycle, cleaning moments were carried out with students and partners. In the Indigenous Peoples' week, held in April 2018, the harvest festival of the cultivars took place, corn, cassava, rice, potatoes and beans were harvested. The cassava and other harvested products contributed to school meals, part was donated to the community and the rest packaged and stored in the school's warehouse.

Keywords: Indigenous knowledge; Intercropping; Ethnosustainability; Agroecology.

Resumen: Este artículo describirá los resultados de las acciones obtenidas en el desarrollo del Proyecto de Agricultura Orgánica en la Escuela Indígena Municipal Tengatui Marangatu: Desafíos para el aprendizaje pedagógico. Ubicado en el pueblo de Jaguapiru de Dourados/MS. La Reserva Francisco Horta Barbosa es un entorno étnico-social complejo, habitado por personas de las etnias guaraní nhandeva, kaiová, terena y mestizos. Tiene una población de 15 mil indígenas confinados en una superficie de 3.600 hectáreas. Dado que en la comunidad existe carencia de alimentos, el proyecto tuvo como objetivo realizar un proyecto demostrativo, en la modalidad de policultivo de producción Agroecológica, donde la producción será utilizada en la alimentación escolar, produciendo además un banco de semillas, rescatando prácticas tradicionales de cultivo y contribuyendo al proceso de enseñanza-aprendizaje de los estudiantes. La finca fue organizada dentro de un espacio de 12 mil m² de terreno. Durante el mes de octubre y noviembre de 2017, luego de preparar el suelo, los estudiantes iniciaron la siembra de semillas de variedades nativas, con 10 mil pies de ramas de yuca. Entre estos espacios, se sembraron variedades de maíz: indígena y palomero, frijol, arroz y papa. Durante el ciclo de siembra se realizaron sesiones de limpieza con estudiantes y socios. Durante la Semana de los Pueblos Indígenas, celebrada en abril de 2018, se llevó a cabo la fiesta de la cosecha, donde se cosechó maíz, yuca, arroz, papa y frijol. La yuca y otros productos cosechados contribuyeron al almuerzo escolar, parte del cual fue donado a la comunidad y el resto fue envasado y almacenado en el almacén de la escuela.

Palabras clave: Conocimiento indígena; Cultivo intercalado; Etnosustentabilidad; Agroecología.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar as principais ideias e atividades desenvolvidas no Projeto "Horta Orgânica na Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu: Desafio para a Aprendizagem Pedagógica", utilizando um modelo de plantio consorciado (policultura), que foi desenvolvido na referida escola em Dourados/MS.

O projeto surgiu a partir dos resultados de planejamentos pedagógicos de professores e alunos, com a participação da comunidade escolar e gestores. Teve início no segundo semestre

de 2017, desenvolvido ao longo daquele ano, envolvendo parcerias da comunidade escolar e de diversas instituições governamentais privadas: Embrapa Agropecuária do Oeste (CPAO), Universidade de Mato Grosso do Sul (UEMS), unidade Glória de Dourados (SEMAF), Secretaria Municipal de Agricultura Familiar (SEMAF), Coordenadoria de Assuntos Indígenas (SEAID), Casa de Sementes Crioulas Irmã Lucinda, Juti /MS, Casa de Sementes Te'y kwe Carapo /MS, (Aspta) Associação dos Produtores Agrônômicos de São João do Triunfo, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Licenciatura em Educação Rural (LEDUC), Fundação Nacional do Índio e Escolas Indígenas (FUNAI).

O projeto foi desenvolvido em uma área de 12.000 metros quadrados, demonstrando que é possível produzir alimentos em um pequeno espaço de terra. Sabe-se que, por milhares de anos, os povos indígenas mantiveram um alto nível de diversidade vegetal em seus quintais, que no caso das etnias Guarani era chamado de Kokue. No entanto, com a chegada da monocultura no Brasil, essas etnias também passaram a adotar o sistema de monocultura, resultando em erosão genética, empobrecimento do conhecimento tradicional e perda da biodiversidade.

Segundo Brand e Marinho (2011), Azanha (2005) e Gallois (2005), os povos indígenas têm visões diferentes sobre o desenvolvimento sustentável, especialmente sobre a produção agrícola; portanto, a visão da população indígena é voltada para a natureza. Para Brand e Marinho (2011), a natureza tem vida na cosmovisão do povo Guarani. Além disso, segundo Gallois (2005), há ações governamentais que buscam atender às necessidades básicas dos povos indígenas; no entanto, não há diálogo para que tais programas sejam efetivos.

O conhecimento do ambiente onde vivem os indígenas pode desenvolver um vínculo positivo com a natureza, tornando o local uma mudança adaptativa (MARIOTTI, 2013). Nesse sentido, a natureza está a favor de todos os seres vivos, incluindo os seres humanos (SANTOS, 2008).

Sabe-se que o homem é um explorador da natureza desde a antiguidade, para extrair dela tudo o que necessita, como moradia e alimentos (CONWAY, 1997). No caso do homem, alguns são coletores e outros exploram a terra plantando vegetais, a fim de extrair dela alimento e valor monetário (DIEGUES et al., 1999). Para Diegues et al. (1999), no caso do homem coletor, habitante da floresta, a visão é coletar, não domesticar plantas. No caso da sociedade indígena em geral, tem uma visão de colecionador ou a visão de mundo é voltada para a religiosidade (JOÃO, 2011).

Para Vera (2011) e Pereira (2016), a visão de mundo dos indígenas Guarani está atualmente se adaptando ao mundo do século XXI. Muitas famílias deixaram de ser plantadoras

VERA, C.; INFRA, M. A; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “ Tengatui Marangatu ”: desafio para a aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 18, p. 1-11, 2022

de fundo de quintal e adotaram o modelo de monocultura, passando então a cultivar soja, milho e também a arrendar suas terras para terceiros.

A sociedade indígena é dinâmica e observa as culturas das plantas que estão ao seu redor, observando assim a cana-de-açúcar e até mesmo os plantios no campo. Segundo Amorozo (2013), o homem está constantemente buscando a adaptabilidade, principalmente quando se trata de alimentação. Para Canesqui (2002), a introdução de alimentos culturalmente importantes na dieta é uma forma de empoderamento para a sociedade; assim, os alimentos têm significados e podem entrar na merenda escolar, tornando-se um cardápio obrigatório para os alunos.

Um corpo bem nutrido tem mais probabilidade de se desenvolver intelectualmente. A comunidade indígena colombiana ACHUAR tem amplo conhecimento sobre o ambiente onde vive, pois em épocas de escassez de alimentos utilizavam campos alternativos para plantio e colheita, mesmo quando migravam de um lugar para outro, carregavam sementes e germoplasma para novos plantios para sua subsistência.

Por outro lado, em relação aos indígenas Guarani, para João (2011), Brand (2011), Vera (2012), Benites (2014) e Pereira (2016), a produção agrícola significa reciprocidade e trabalho coletivo com competência e técnica para preparar o solo, plantar e colher. Saber a época de plantio, quem deve plantar, como plantar e quem deve colher. A organização das roças dos agricultores tradicionais em Santo Antônio do Leverger, no Mato Grosso, desenvolveu roças de fundo de quintal e possuía cerca de 48 variedades de mandioca (AMOROZO, 2013). Esses agricultores tradicionais são indígenas das etnias Cinta Larga e Fulnio-ô. Os indígenas possuem sabedoria e conhecimento sobre a produção de alimentos.

Neste contexto, tendo em vista que a escola não resolve todos os problemas dos alunos, mas por outro lado, pode mostrar que eles podem desenvolver o intelecto e contribuir para a melhoria da comunidade. Assim, com as ações realizadas no projeto desenvolvido na Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu, o objetivo foi socializar os importantes benefícios trazidos aos alunos, escola, professores, colaboradores e comunidade.

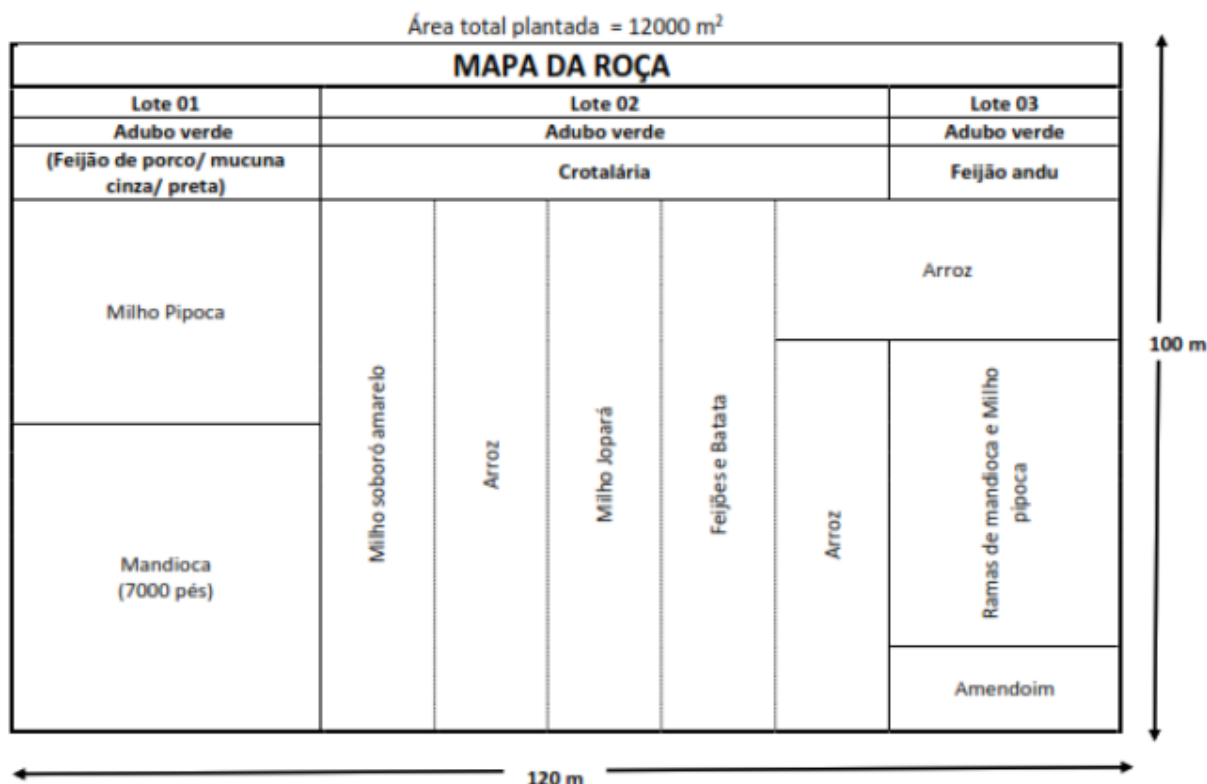
METODOLOGIA

O trabalho foi realizado em terras cedidas por um agricultor Guarani da comunidade Jaguapiru, por meio da assinatura de um termo de compromisso. A área tinha uma extensão de 12.000 m², sendo subdividida em três lotes como forma de facilitar as atividades dos alunos no âmbito do projeto da horta agroecológica. Dentro de cada lote, foi realizada a semeadura manual

VERA, C.; INFRA, M. A; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “Tengatui Marangatu”: desafio para a aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 18, p. 1-11, 2022

de feijão, milho, amendoim e arroz. Todos os lotes receberam adubação verde, por meio do plantio prévio de mucuna cinza, crotalária e feijão-de-porco (Figura 1).

Figura 1 Layout da distribuição das culturas na área da horta orgânica.



Após a implantação do experimento, o controle de plantas daninhas foi feito manualmente, com auxílio de alunos e parceiros da UFGD (FAIND) e UEMS, na frequência de 45 dias. As plantas daninhas que ocorreram foram as seguintes pragas: na mandioca, mosca-branca (*Bemisia tabaci*), broca-do-colmo da mandioca (*Cosmopolites sordidus*) e mosca-dos-brotos (*Neosilba perezii*); no milho, lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda* JE Smith), e também formigas cortadeiras (*Atta spp.*). O controle dessas pragas foi realizado em parceria com os alunos pelo Biólogo Cajetano Vera da Escola Municipal Tengatui Marangatu, por meio de monitoramento diário, coleta, corte e destruição das partes infectadas das plantas, e o controle das formigas foi realizado com adubos verdes.

As formigas cortam as folhas do feijão bóer (*Cajanus cajan*), da crotalária (*Crotalaria juncea* L.; *Crotalaria spectabilis* L.) e das folhas do feijão-mucuna (*Canavalia ensiformis*); *Stizorlobium* As infestações de lagarta-do-cartucho (*Spodoptera frugiperda* JE Smith) foram

mínimas no milho, o que ocorreu devido à presença do pássaro anu de bico liso (*Crotophaga ani*), pois esta ave se alimenta desses insetos, tanto larvas quanto adultas.

No desenvolvimento deste projeto, o Jardim Agroecológico, envolvendo a educação como um todo e a cosmovisão Guarani Kaiowá, ou seja, as fases da lua, foram obtidos os seguintes resultados. Conforme o mapa acima mencionado (Figura 1), na área do lote um (1), foram plantadas 7.000 mudas de mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) da família *Euphorbiaceae* e milho pipoca (*Zea mays everta*); no lote dois (2), foram cultivados milho (*Poaceae* — *Zea mays*) de variedades crioulas de milho e arroz (*Oryza sativa*). Também foram cultivadas variedades de feijão (*Phaseolus vulgaris*), variedades crioulas de feijão e variedades de batata (*Ipomoea batatas*).

No lote três, foram plantadas variedades de amendoim, mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) da família *Euphorbiaceae*, 3.500 mudas de talo de mandioca e arroz — variedade Cerqueira Santa Helena. Ao redor da horta, foram plantadas variedades de fertilizante verde: feijão-guandu, crotalária e feijão-de-porco.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As aldeias estão localizadas no Município de Dourados/MS, cuja população é de 200 mil habitantes segundo o IBGE (2010), e são administradas por lideranças indígenas e políticos tradicionais que possuem diversas organizações sociais. Além disso, há quatro comunidades indígenas: Jaguapiru, Bororó, Panambizinho e Passo Pirajuí. Embora as aldeias tenham cerca de sete mil jovens em situação de vulnerabilidade social, a taxa de natalidade é relativamente alta, com cerca de 580 nascimentos por ano.

Nessas comunidades, há 07 unidades escolares, com 3.500 alunos matriculados, distribuídos no Ensino Fundamental e Médio. Essas unidades escolares atendem a três etnias: Kaiowá, Nhandéva e Terena. A aldeia Jaguapiru trouxe um desafio particular, devido ao processo de confinamento. É comum encontrar jovens desanimados, sem perspectivas reais de vivências, sem autonomia em seu território. O confinamento é uma perda contínua de território e valores tradicionais de identidades. Assim, perde-se o cuidado com o cultivo da terra. São encontrados vários alunos que não sabem cultivar a terra nem os segredos do cultivo de sementes tradicionais porque houve uma ruptura histórica e social repentina com a perda da Terra e do Território.

Nas comunidades indígenas de Dourados, existem importantes nascentes e córregos, utilizados para lazer e consumo diário. Os rios, lagos, nascentes e fontes de água estão em fases de desaparecimento, devido a queimadas, construção de casas nas margens dos rios e nascentes, como os indígenas têm pouco espaço físico, acabam construindo suas moradias nos locais de nascentes, criando animais ruminantes. Nos locais de fontes de água estão ocorrendo desmatamento e assoreamento, etc.

Na comunidade, predominam dois tipos de lavouras: monoculturas de soja e milho, que não atendem à segurança alimentar da população indígena local, porém, também há produção em pequena escala de mandioca, variedades de milho, abobrinha, etc. A produção é restrita a algumas famílias devido à falta de recursos materiais e de financiamento para o cultivo; entre os moradores, algumas famílias dependem integralmente de cestas básicas da Funai, do Governo do Estado e de ONGs.

A divisão de lotes por família na comunidade indígena é desigual, pois apenas algumas famílias têm terras maiores, e outras têm apenas um pequeno pedaço de terra, somente para moradia, sem espaço para produção de alimentos para sua sustentabilidade. As populações indígenas vivem em confinamento devido ao aumento populacional de habitantes indígenas; as aldeias de Dourados são muito populosas, portanto, há carência de moradia, água tratada e alimentos.

ESCOLA INDÍGENA TENGATUI MARANGATU

O Tengatui A Escola Municipal Indígena Marangatu , localizada na Aldeia Jaguapiru no município de Dourados, foi fundada em 13 de fevereiro de 1992, por Antônio Braz Melo, prefeito da cidade de Dourados/MS. Possui uma área física de 1979,91m² de extensão. Em 14 de março de 2007, através do Decreto Municipal número 4167, foi autorizada a atender a educação escolar indígena; Atualmente a escola atende 893 alunos matriculados no Ensino Fundamental nos anos iniciais e finais.

A Pedagogia na Escola Tengatui funciona da seguinte forma: há disciplinas impostas pelo Ministério da Educação (MEC), há também disciplinas que atendem à Educação Indígena, como Línguas Indígenas, História Indígena, visando o ensino da língua materna indígena e conhecimentos relacionados à cultura e história das etnias presentes na unidade escolar. Cerca de 60% dos alunos matriculados são beneficiários de benefícios sociais do governo federal.

Historicamente, o sistema atual institucionaliza um modelo de escola centrado na reprodução de relações de dominação. Então, tudo que é novo e questiona os padrões da escola

VERA, C.; INFRA, M. A; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “ Tengatui Marangatu ”: desafio para a aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 18, p. 1-11, 2022

tradicional, sempre há uma grande resistência nesse enfrentamento. Nesse sentido, um dos maiores desafios é ter uma escola aberta à comunidade, tendo a comunidade como protagonista. A escola tem o poder de transformar e inovar a sociedade, porém, nem sempre ela enxerga esse poder.

Atualmente, com o reconhecimento da valorização da cultura indígena na constituição de 1988, um dos modelos de ensino que as escolas indígenas devem utilizar são aqueles que são desenvolvidos a partir de seus contextos históricos, sociais, culturais e políticos, onde as práticas pedagógicas são baseadas em processos tradicionais de transmissão e aprendizagem de conhecimentos e interculturalidade, e com isso, ocorre a afirmação da identidade étnica. Durante a semana dos povos indígenas, em abril de 2017, foram realizados momentos de colheita: amendoim, variedades de milho e feijão e sementes de adubo verde.

O amendoim foi consumido entre os alunos e a comunidade, o arroz, feijão e milho colhidos foram limpos e armazenados para semente e a safra de 2018. Partes dos milhos e feijões consumidas na merenda escolar, e partes doadas para a comunidade. A mandioca foi arrancada sequencialmente e doada para merenda escolar, e outra para a comunidade. As sementes que foram colhidas dos adubos verdes, as variedades de talos, batatas que partes foram doadas para o evento, ENA - Encontro Nacional de Agroecologia BH/MG, 14º Encontro de Sementes Crioulas – Juti /MS, 16º Encontro de Agroecologia, São João do Triunfo-PR.

O entorno da comunidade é cercado pelo modelo do agronegócio. Esse é um desafio enorme do ponto de vista concreto, ambiental, social e econômico. Em suma, é uma vasta extensão de monocultura que faz com que os olhos se acostumem a olhar aquele imenso mar verde, como um ideal de produção agrícola. E a ideia do agronegócio tenta hegemonizar todos os pensamentos, tanto que se sentem envergonhados de suas pequenas produções em seus quintais, como se estivessem derrotados, algumas famílias não veem outra opção senão arrendar seus pequenos espaços de terra.

Ao mesmo tempo, há uma violência simbólica que leva aos níveis de ser considerada a região com um dos maiores índices de violência, desde alcoolismo, suicídio, dependência química, homicídio, violência contra mulheres e crianças como resultados dessa perda de terra e território. E com isso, aqueles que tentam produzir em seus pequenos quintais também são envenenados por agrotóxicos. É uma grande luta continuar produzindo dentro de um sistema profundamente desequilibrado, sem florestas, sem água e sem animais para caça.

De fato, o desafio é grande, e a falta de consciência crítica da importância dessa realidade e de querer ser protagonista da sua própria transformação. Falta informação, capacitação, estudos, diálogos, debates, acesso a novos conhecimentos, visão de mundo ampla, VERA, C.; INFRA, M. A; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “ Tengatui Marangatu ”: desafio para a aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 18, p. 1-11, 2022

comprometimento com as mudanças estruturais que causam essas situações de profunda desigualdade social, portanto, a Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu está no caminho certo.

O projeto da horta escolar trouxe para a Escola Municipal Indígena Tengatui Marangatu e para a comunidade local uma visão de trabalho de unidade, reforçando os laços de coletividade e reciprocidade Guarani Kaiowá . Permitiu trabalhar temas importantes, que foram transformados em conteúdo em sala de aula e campo - Teoria e prática - Práxis com: a luta e o direito à terra, Soberania Popular, sementes crioulas, cultivo de plantas e agricultura tradicional Guarani Kaiowá , abundância e escassez de alimentos, os impactos e transformações ambientais na comunidade, benefícios ou problemas causados pela introdução de novas tecnologias, conscientização sobre a importância do consumo de alimentos tradicionais-saudáveis, resgate de alimentos nativos da comunidade e hábitos alimentares saudáveis.

CONCLUSÃO

Afirma-se que as aldeias indígenas em geral estão em processo de confinamento. O confinamento entre os indígenas ocorreu devido à perda de territórios tradicionais para os colonizadores a partir de 1920 e é caracterizado pela impossibilidade de caça, coleta, pesca, agricultura de corte e queima, e outras, nas quais, atualmente, as aldeias indígenas estão excessivamente povoadas, causando assoreamento físico e cultural. O processo de confinamento é prejudicial à população indígena, trazendo consigo o destaque, por exemplo, da desvalorização da língua e da cultura inerentes aos indígenas, com a ocorrência de trabalho assalariado para trabalhadores indígenas em usinas sucroalcooleiras, fazendas, órgãos governamentais, escolas, etc.

O projeto Horta Agroecológica da Escola " Tengatui Marangatu", através de um planejamento criterioso e das experiências vividas com os alunos ao longo do ano, está sendo bem-sucedido; os professores conseguiram incentivar os alunos a plantar, limpar e colher.

Dessa forma, os objetivos planejados estão sendo alcançados pela unidade escolar, com o desenvolvimento de uma pedagogia por meio da agroecologia indígena, uma prática escolar na horta, uma atividade que possibilitou a interação e a aprendizagem, motivando os alunos para práticas diferenciadas, compartilhando sementes crioulas, revitalizando e fortalecendo os conhecimentos tradicionais e a reciprocidade Guarani Kaiowá , e contribuindo para os processos de ensino e aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AMOROZO, MCM Sistema agrícola de pequena escala e a manutenção da agrobiodiversidade: uma revisão e contribuições. In: ALBUQUERQUE, UP et al. (org.) **Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia**. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, p. 123–131.
- AZANHA, G. **Sustentabilidade em Comunidade Indígena Brasileiras**. Tellus, UCDB – Campo Grande, v. n. 8/9, p. 11-28, abr./out. 2005.
- BENITES, E. **Oguata Pyahu (uma nova caminhada) no processo de desconstrução e construção da educação escolar indígena da reserva indígena Te'yikue**. 2014. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, UCDB. CampoGrande 2014.
- MARCA, AJ; MARINHO, M. Povos Indígenas na Região do Pantanal e do Cerrado: Desenvolvimento participativo, universidades e pesquisa - Ação. In: TREMBLAY, G.; VIEIRA, PF (organizador). **O papel da Universidade no Desenvolvimento Local: Experiências brasileiras e Canadenses**. APED, Florianópolis, v. 123-144, 2011.
- CANESQUI, AM Comentários sobre os Estudos Antropológicos da alimentação. In: CANESQUI, AM; GARCIA DIEZ, RW (organizador). **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 255-289.
- CONWAY, G. Produção de alimentos no Século XXI: **biotecnologia e meio ambiente**. 1.Ed. São Paulo: Estação da Liberdade, 2003. 376 p.
- DESCOLA, P. **La selva culta: sombilismo e práxis na ecologia dos Achuar**. 3.ed. Quito: ABYA – YALA, 1996.
- DIEGUES, AC (org.) Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. NUPAUB – USP, PROBIO – MMA CNPq, 1999. 211 p.
- GALLOIS, TD **Cultura “indígena” e sustentabilidade: alguns desafios**. Tellus, UCDB – Campo Grande, v. 09/08, pág. 29-36, abr./out., 2005.
- JOÃO, I. **Jakaira Reko Nheypyru Marangatu Mborahéi : origem e fundamentos do canto ritual JerosyPuku entre os Kaiowá de Panambi, Panambizinhop e Sucuri'y , Mato Grosso do Sul**. 2011. 119 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados, 2011.
- MARIOTTI, H., **Complexidade e sustentabilidade: o que se pode e o que não se pode fazer**. São Paulo: ATLAS SA, 2013.
- PEREIRA. LM; **Os Kaiwá em Mato Grosso do Sul: módulos de organização e humanização do espaço habitado**. Dourados: UFGD, 2016. 128 p.
- VERA, C.; INFRA, M. A; MORAIS, C. M. Roça orgânica na Escola Municipal Indígena “ Tengatui Marangatu ”: desafio para a aprendizagem pedagógica. **RealizAção**, UFGD – Dourados, v. 18, p. 1-11, 2022

SANTOS, M. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

VERA. C. **Larvas de Aramanday Guasu, *Rhynchophorus palmarum* Linnaeus, 1958 (*Coleoptera : curculionidae*) como alimento tradicional entre os Guarani Nandéva , na Aldeia Pirajuí, Município de Paranhos, Mato Grosso do Sul: uma visão de segurança alimentar e sustentabilidade social.** 2011. 184f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento) - Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, UCDB, Campo Grande, 2011.